

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES: reflexão e ação nas aulas de literatura

Autor: Nelcira Salete Baggio Wotrich¹

Orientadora: Elizabete Arcalá Sibiri²

Resumo

O presente artigo relata a experiência realizada por meio da implementação de uma proposta de intervenção pedagógica na escola e, trata-se do objeto dos estudos desenvolvidos no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, do Governo do Estado do Paraná, destinado à formação continuada de professores, turma 2009, com o projeto Formação de Alunos Leitores: Reflexão e Ação nas Aulas de Literatura, o público a que esteve direcionada as atividades foi a 6ª série A do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual de Dois Vizinhos, na cidade de Dois Vizinhos, Estado do Paraná, sendo desenvolvido durante o 2º semestre de 2010, visando tornar a leitura prazerosa e assim formando alunos leitores. Para alcançar os objetivos propostos optou-se pelo trabalho com o gênero fábulas, os principais fabulistas e suas versões. Em um primeiro momento, privilegiou-se a leitura – fruição do texto literário como meio de despertar o encantamento pela mesma. Na sequência estimulou-se a capacidade crítica, realizando leitura compreensiva do texto e atentando para a construção de significados, condição de produção, elementos essenciais desse gênero textual, aspectos discursivos, bem como, estrutura composicional. Este conhecimento permitiu ao aluno (re)conhecer aspectos importantes da construção da fábula, possibilitando-lhes desfrutar mais essas histórias ficcionais. Assim, obteve-se excelentes resultados na implementação dessa produção didática pedagógica, uma vez que, se pôde contar com a participação ativa dos alunos em cada atividade sugerida, seja na elaboração de novas fábulas ou na dramatização.

Palavras-chave: Leitura; Formação do Leitor; Fábulas.

¹ Especialista em Supervisão Escolar, Graduada em Letras Português/Inglês, professora no Colégio Estadual de Dois Vizinhos.

² Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel.

Abstract

The article describes the experiment carried out by implementing a proposal of educational intervention in school and it is the object of studies conducted in Educational Development Program - PDE, the Government of Parana State, for the continuing education of teachers, Class of 2009, with the project Training of Students Readers: Reflection and Action in literature classes, the public it was directed activities was the 6th grade A of the Elementary School, State School for Two Neighbours in the town of Two Neighbours, Parana State, being developed during the 2nd semester 2010, designed to make reading pleasurable and thus forming student readers. To achieve the proposed objectives we chose to work with the fable genre, the main fabulists and their versions. At first, the emphasis has been reading - enjoyment of literary texts as a means to awaken the enchantment of reading. Following was stimulated critical capacity, conducting comprehensive reading of the text and the focus on the construction of meaning, production condition, essential contents of this genre, discursive aspects, as well as compositional structure. This knowledge allowed the student to (re) learn important aspects of the construction of the fable, enabling them to enjoy more these fictional stories. So, we obtained excellent results in the implementation of this production didactic teaching, since, you can count on the participation of students in each suggested activity, either in the drafting of new fables or elaborate dramatization.

Keywords: Reading; Training Reader; Fables.

1 Introdução

A leitura é uma das atividades mais importantes para se trabalhar com o aluno nas aulas de Língua Portuguesa, mas, infelizmente, na maioria das vezes, essa atividade fica relegada a segundo plano, contribuindo significativamente para o afastamento do aluno de obras literárias e apreciação do seu valor estético conforme afirma Cosson (2007, p.107) “é na experiência da leitura e não nas informações dos manuais que reside o saber e o sabor da literatura”.

Essa visão de Cosson sintetiza de forma clarividente a importância da leitura e de como se deve priorizá-la em sala de aula, fazendo com que os alunos entendam que através dela se dá a compreensão do mundo dos sonhos e da realidade vivenciada.

Como é de conhecimento de todos, o ensino da língua materna deve abordar as práticas da oralidade, leitura e escrita. Na questão específica da leitura, há necessidade de escolha de método que oriente o estudo, assim como a oferta, ao aluno, de uma variedade de gêneros textuais em que este perceberá a condição e a finalidade para a qual o texto foi composto, seu contexto de produção, forma e estrutura linguística.

O educador deve observar que no ato da leitura, não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Acredita-se que a escola seja ainda a instituição que tem a responsabilidade de formar leitores e, nessa tarefa, é imprescindível o papel do professor, o qual deve ter uma formação teórica sólida e um amplo repertório de leitura, apoiando seu trabalho em objetivos pretensiosos: instigando-lhes a curiosidade para textos que representam à realidade de forma cada vez mais abrangente e profunda.

Em Bordini e Aguiar:

A tarefa de uma metodologia voltada para o ensino da literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em transformação. (Bordini e Aguiar, 1988, p. 45)

Sabe-se que uma proposta voltada à formação de leitores competentes e produtivos para ser aplicada com eficácia, deve-se instigar experiências reais de leitura, quer seja, com textos escritos ou falados, desenvolvendo os trabalhos com criatividade.

Ou seja, para que a leitura se torne prazerosa, é importante na sala de aula priorizar atividades que enfatizem e reforcem esta, como instrumento para entender o mundo, se relacionar com a cultura, a língua escrita e as pessoas, buscando uma maior aproximação com a sensibilidade e a sedução. Faz-se necessário descobrir as preferências, os gostos, os tipos que mais atraem nossos leitores com textos significativos que despertem a criatividade e a imaginação.

Essa prática está associada aos estímulos que se tornam mais eficazes quando se abre espaço para questionamentos, permitindo os múltiplos significados que há no texto.

Desta forma, analisadas as características do texto, trabalhou-se em sala de aula com o gênero fábula, eis que se trata de um gênero muito comum na literatura infantil, com uma narração breve e de fácil entendimento, em forma de prosa e verso.

As personagens quase sempre são animais com sentimentos e características humanas que sustentam um diálogo e transmitem uma lição de moral.

Muitos são os valores que podem ser trabalhados através das moralidades: amor, caridade, prudência, justiça, honestidade, paciência, respeito, responsabilidade entre outros.

Desta forma, para haver obtenção de resultados deve-se oportunizar o confronto de experiências, debates de ideias e, o ato de explorar a leitura através das fábulas, pois elas encantam com histórias que levam à fantasia e de certa forma entender o mundo.

Destarte, faz-se necessário o trabalho com diversos textos, nas suas mais variadas formas, escrita, falada, dramatizada, para que os educandos sintam-se atraídos pela leitura, tornando-os leitores habituais e criando neles o hábito permanente.

2 Importância da Leitura

Deve-se entender que a leitura não pode ser considerada um ato isolado, principalmente, fazer com que o leitor compreenda o que lê, neste sentido, as Diretrizes Curriculares da Educação enfatiza a sua importância:

Nestas diretrizes, compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler o indivíduo busca suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim as várias vozes que o constituem. (...)

Praticar a leitura em diferentes contextos requer que se compreendam as esferas discursivas em que os textos são produzidos e circulam bem como se reconhecem as intenções e os interlocutores do discurso. (PARANÁ, 2008, p. 56-57)

Sabe-se que o hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que é algo importante para o seu desenvolvimento.

Como afirma Regina Zilberman (2004), “a leitura capacita o ser humano a pensar e agir com liberdade.” Já para Souza (1992) a leitura é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto.

Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade, mas, infelizmente, na maioria das vezes, ela não é encontrada na sala de aula, assim, para despertar o interesse do aluno, deve-se respeitar seu conhecimento de mundo, uma vez que, a sua formação influencia nos seus posicionamentos diante do que lê, pois, a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto.

Maria da Gloria Bordini e Vera Teixeira Aguiar, em bela passagem, citam o mestre Paulo Freire e sua compreensão de leitura:

Esse conceito amplo de texto é que fundamenta as posições de Paulo Freire sobre a leitura do mundo como antecedente da leitura da palavra. Este insiste na “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (1982, p.1-2). Todas as pessoas desde a infância, são, portanto, leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e da cultura. (Bordini e Aguiar, 1988, p. 11)

A leitura consegue proporcionar ao leitor um mundo novo, dando acesso a novas ideias, ampliando conhecimentos essenciais para o seu desenvolvimento, inclusive aguçando sua capacidade de interpretação, e no mesmo contexto, desenvolve seu vocabulário, escrita e sentidos.

Os prazeres proporcionados por um bom livro geram sentimentos e expectativas diferentes no leitor, o que é um grande desafio, pois requer que o sujeito descubra o poder que vem dos livros.

Neste aspecto, verifica-se que através da leitura habitual, pode-se formar leitores que saibam discernir o que leem e possuam capacidade de interpretar o assunto conforme sua realidade de mundo.

Portanto, a leitura traz benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade, como forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação (ZILBERMAN; SILVA, 2005).

2.1 A escola e a formação de leitores

Acredita-se que priorizar a leitura na escola é o melhor caminho para torná-la um lugar de desenvolvimento e formação de leitores preparados para a vida. Para Giraldi (1984), “cabe à escola ensinar a ler e a escrever, pois são os meios básicos do desenvolvimento da capacidade de aprender e constituem competências para o estudante”.

Assim sendo, deve-se recuperar na escola o prazer que se excluiu e trazer para dentro dela o incentivo à leitura, respeitando a caminhada do leitor, deixando-os ler livremente, obtendo-se assim, um maior número de leitores.

O professor precisa gostar de ler, ler muito e envolver-se com o que lê, assim, exercitar a leitura sugere a inclusão de outros saberes, além de reunir práticas pedagógicas, metodológicas, conhecimento para que o processo de comunicação com o aluno aconteça. O professor tem a função de ensinar a ler, e para ensinar, ele deve estar em contínua aprendizagem, por isso, a importância do professor leitor na formação do aluno leitor.

Segundo Lajolo (1997), lê-se para entender o mundo, para assim viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Regina Zilberman exemplifica de forma singular o papel hodierno da escola na formação de leitores:

Com a incumbência de ensinar a ler, a escola tem interpretado essa tarefa de um modo mecânico. Quando atua de modo eficiente, dota as crianças do instrumental necessário e automatiza seu uso, por meio de exercícios que ocupam o primeiro – mas dificilmente o segundo – ano do ensino fundamental. Ler coincide então com a aquisição de um hábito e tem como consequência o acesso a um patamar do qual dificilmente se regride a não ser quando falta competência à introdução do aluno à escrita. Porém, a ação implícita no verbo em causa não toma nítido seu objetivo direto: ler, mas ler o que? Dessa maneira o sentido da leitura nem sempre se esclarece para o aluno que é beneficiário dela. Por conseguinte, mesmo aprendendo a ler e conservando essa habilidade, a criança não se converte necessariamente em um leitor, já que este se define, em princípio, pela assiduidade a uma entidade determinada – a literatura. (Zilberman, 2009, p. 30)

Bordini e Aguiar (1988) relataram que a escola deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área de literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre aluno e professor.

Não basta instigar o aluno a ler, precisa-se oportunizar espaço adequado na sala de aula onde a leitura possa ser usufruída pelo estudante, assim o educador preocupado com a formação de alunos leitores, deve reservar espaços em que proponha atividades novas e variadas procurando conhecer as preferências, as necessidades, criar uma intimidade maior com os livros e com a leitura.

Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola. De acordo com as diretrizes:

Esse processo implica uma resposta do leitor ao que lê, é dialógico acontece num tempo e num espaço. No ato da leitura, um texto leva a outro e orienta para uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, e com sua experiência de vida.

Assim sendo, busca-se uma maior aproximação com a sensibilidade, com a sedução, descobrir as preferências, os gostos, os assuntos, os tipos de leitura que mais atraem os estudantes para despertar seus interesses.

Considerando que o gosto pela leitura se constrói através de um longo processo, que é fundamental para o seu desenvolvimento, assim, há a necessidade de se propor atividades diversas e diferenciadas para a formação do leitor crítico.

Como está exemplificado em Zilberman (2003, p.30) “o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que se estabelece com seu leitor convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância.”

Para Lajolo (1982), “a escola é vista como um espaço ideal e privilegiado para a formação de um público para a literatura, e cabe a ela a sensibilização para o estético literário”.

Quando se tem consciência de que se lê e como se lê, fica mais fácil entender como os alunos leem, podendo assim, interagir melhor uns com os outros e com o mundo. De acordo com Kleiman (1989) o processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer a mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial para fazer sentido ao texto.

As diretrizes entendem a prática da leitura como um processo de interação entre o texto e o leitor produzindo um significado. É no processo de interação social que a palavra significa, o ato da fala é de natureza social (Paraná, 2008). Para Lajolo (1982), quanto mais o leitor for maduro e quanto mais qualidade estética tiver um texto, mais complexo será o ato de leitura.

O texto literário revela um meio eficiente de contato com a pluralidade de significações da língua, como se compreende e interpreta a realidade numa concepção de linguagem, a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra, se a escola não efetua um vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra (BORDINI E AGUIAR, 1988).

2.2 O ensino da literatura nas escolas

O ensino da literatura nas escolas é assunto que sempre deve estar em discussão pela suma importância que tem em todo o contexto da aprendizagem.

Ezequiel Teodoro da Silva, falando da Educação e Leitura exemplifica muito bem a necessidade que esta seja voltada a formação e informação:

A educação do ser humano, seja ela formal ou informal (sistemática ou assistemática), sempre envolve dois fatores fundamentais: formação e informação. Mais especificamente, o processo educativo exige que às novas gerações que sejam transmitidos conhecimentos, sejam trabalhados determinados valores e costumes de modo que ocorra a sobrevivência e a convivência social de modo que não pereça a linha evolutiva da cultura (Silva, 1986, p. 35)

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica - DCE (2008), “a literatura como produção humana, está ligada à vida social e a função social, é a forma como a literatura retrata os diversos seguimentos da sociedade, é a representação social e humana”. Já para Eagleton (1983) “sem a participação ativa do leitor, não haveria obra literária”.

O contato com a literatura é fundamental ao ser humano, dá sentido ao mundo e a nós mesmos, não é a experiência literária que interessa, mas a soma de conhecimentos sobre a literatura. Para Soares, 1999, p.47, “é preciso distinguir entre uma escolarização adequada ou inadequada da literatura.”

Segundo Zilberman (1986, p.22), “se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, lhe são imprescindíveis”.

A literatura na escola deve estimular no aluno o hábito da leitura, tornando-a para os estudantes expressiva no seu dia-a-dia. Essa vivência de leituras poderá ajudar na escolha de textos ou obras literárias que os levem a se integrarem na aproximação com o texto e que promovam a leitura de outros gêneros.

A busca frequente da literatura deve vir de uma atitude consciente, a partir das expectativas do estudante, atendendo os seus interesses. Os livros devem ser significativos e próximos da realidade do leitor. Nessa perspectiva, é importante que sejam explorados os diversos tipos de textos que ajudam a construir o universo literário, mostrando como a literatura participa deles e eles participam da literatura.

2.3 A leitura literária sob a estética da recepção

A teoria da recepção surgiu com Hans Robert Jauss, em 1967, que ministrou uma aula inaugural na Universidade de Constança com a palestra: "O que é e com que fim se estuda história da literatura?", esta palestra acabou transformando-o no "pai da teoria da recepção", Jauss não ignorou pontos de vista das vertentes marxista e formalista da teoria literária, mas acolheu-os criticamente, tentando eliminar o abismo existente entre elas (PAULA, 1994).

Segundo Campos:

O método recepcional é contrário às tradicionais teorias dominantes, uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a idéia do relativismo histórico e cultural, que se apóia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura lingüístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. (Campos, 2006, p. 42)

Para Piaia, Jauss caracteriza a experiência estética no horizonte de expectativa e a emancipação sendo uma perspectiva da realidade que ampliaria o horizonte do leitor, com uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria da estética da recepção (Bordini e Aguiar, 1988).

A aplicação da estética recepcional à pedagogia da literatura prevê a transferência dos pressupostos teóricos à prática escolar da leitura. O método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. (Bordini e Aguiar, 1988)

Hans Robert Jauss lecionou que “A história das interpretações de uma obra de arte é uma troca de experiências ou, se quisermos, um jogo de perguntas e respostas” (Zilberman, 2004 p.62) e, segundo Bordini e Aguiar:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é do mundo de sua vida, contudo o que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munido dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 87)

Para se alcançar o sucesso com o aluno aplicando o método recepcional deve se ater aos principais objetivos deste método, efetuando leituras compreensivas e críticas, buscando novos textos, sendo questionador em leituras do seu próprio horizonte cultural, buscando transformar esse horizonte de expectativas.

Destarte, através do método recepcional, o aluno passa a se ver como agente do processo de leitura e aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade do processo, num constante enriquecimento social e cultural. Sob a estética da recepção, o professor deve estar atento aos seus próprios horizontes culturais e de expectativas, bem como, deve compreender os horizontes existentes da comunidade, família do aluno para que a interação ocorra plenamente.

2.4 Seleção do gênero - Fábula

Para que a leitura se torne prazerosa, é importante na escola e na sala de aula priorizar atividades que enfatizem e reforcem a leitura como instrumento para entender o mundo, se relacionar com a cultura, a língua escrita e as pessoas. Precisamos buscar uma maior aproximação com a sensibilidade, a sedução, procurar descobrir quais são as preferências, os gostos, os assuntos, os tipos de leitura que mais atraem nossos leitores, através de leituras que dizem algo, que despertem a criatividade e a imaginação.

Deve-se oportunizar o confronto de experiências, o debate de ideias e o ato de explorar a leitura na sala de aula. A prática da leitura está associada aos estímulos que se tornam mais eficazes quando se abre espaço para

questionamentos e a leitura literária seja apreciada, permitindo os múltiplos significados que o texto permite. Os conhecimentos teóricos são necessários para orientar o aluno na busca dos sentidos do texto.

Sendo o projeto sobre leitura, precisou-se delimitar um tema para elaborar uma estratégia eficaz, eis que são muitos gêneros literários e cada qual com suas características próprias.

Para aproximar os alunos da leitura, optou-se pela fábula, pois é um gênero que permite a fusão do lúdico e do pedagógico, ainda conseguindo distrair o leitor, pois sempre apresenta virtudes e defeitos humanos através dos animais.

A fábula possibilita além da leitura, a dramatização da história, bem como, o debate do tema, trazendo a tona, à concepção dos alunos sobre o assunto apresentado. Uma característica marcante é o modo indireto de atingir os ouvintes ou leitores, um jeito de levá-los a pensar sobre certas atitudes humanas e até de convencê-los de certas idéias. Quando o autor usa a comparação, os leitores ou os ouvintes são induzidos a identificar a situação contada com certas situações vivenciadas por eles.

Desta forma, é um instrumento rico para se trabalhar em sala de aula, com uma narração breve e de fácil entendimento, em forma de prosa ou verso, as personagens são quase sempre animais com sentimentos e características humanas, que sustentam um diálogo e transmitem uma lição de moral.

Trata-se então de um gênero que além da leitura consegue instigar o aluno a reflexão do comportamento humano, estimulando sua análise crítica sobre o tema e a concepção de mundo que se tem relacionando-se assim, com os fatos da vida real. Quem conta ou escreve uma fábula tem alguma intenção, seja de ensinar, aconselhar, convencer, divertir ou até mesmo criticar.

Além disso, a estrutura da fábula serviu a muitas versões e reescrituras, muitas delas com intenção humorística.

Sendo assim, os fabulistas podem contar uma mesma história de um modo diferente e com outras intenções, num outro tempo, para pessoas diferentes e mesmo assim, elas permanecem atuais.

As fábulas são muito antigas, foram contadas pelo povo de boca em boca, com a finalidade de infundir ideias em várias culturas, geradas sobre a natureza física, a organização e funcionamento das sociedades com normas de conduta e comportamento.

São transmitidas por pais, professores, políticos, sacerdotes, com objetivos de vida que devem ser cultivados, desta forma, pode-se dizer que além de entreterem, também podem nos dizer a forma correta de se agir, pois nas fábulas há uma adaptação contínua que permanece influenciando de maneira significativa no resgate dos valores e posturas éticas.

As fábulas são tão antigas quanto à conversação humana. Às vezes nem sabemos quem as criou, eram contadas na oralidade de um para outro. A palavra fábula provém do latim FABULA= contar. Há relatos que a fábula surgiu no oriente e posteriormente foi levada para a Grécia.

O gênero fábula servia, inicialmente, para moralizar e distrair, pois assim as pessoas poderiam facilmente acreditar em determinados valores que eram totalmente aceitos. Isso pode ser percebido atualmente, pois os pais ainda contam essas histórias com a finalidade de entreter, educar, construir e perpetuar diversos valores.

As fábulas provavelmente surgiram da necessidade de se inculcar nas pessoas valores morais, através de uma história. Ela faz parte da literatura oral e apesar de ter surgido há quase dois mil anos, atualmente continua sendo desenvolvida na literatura escrita. Muitos escritores recriaram velhas fábulas dando-lhes novos finais, com novos significados.

São as principais características da fábula, uma narração breve em forma de prosa ou verso, cujas personagens, por regra, são animais com sentimentos e características humanas que sustentam o diálogo como a disputa entre fortes e fracos, a esperteza e a lerdice, a ganância e a bondade, a gratidão e a avareza, o bondoso e o ruim, tendo como objetivo transmitir uma lição de moral.

É comum aparecer diálogo entre os animais, sendo que cada um deles apresenta características tipicamente humanas. O título aparece destacado, geralmente, com nome de animais. A moral aparece no final da história, com provérbios, outras vezes está implícita nas últimas linhas do texto. O tempo aparece de forma indeterminada que serve de lição para qualquer época, isto é, atemporal. É narrado em terceira pessoa (o narrador conta como se tivesse visto a cena, não participa da história).

Podemos citar como principais fabulistas, Esopo, Jean de La Fontaine, Monteiro Lobato e atualmente Millôr Fernandes, que se analisou suas principais características.

ESOPHO: Considerado o maior representante do estilo “FÁBULAS”, era inteligente, esperto e de muito bom senso, possuía o dom da palavra e a habilidade de contar histórias curtas, inventava histórias em que os animais eram personagens, procurava transmitir sabedoria de caráter moral, viajou por muitas terras dando conselhos através das fábulas.

JEAN DE LA FONTAINE: O escritor francês Jean de La Fontaine (século XVII – 1601 – 1700) usava fábula, em versos e em prosa, para denunciar as misérias e as injustiças de sua época, um poeta que conhecia muito bem a arte e as manifestações da cultura popular. A partir desta época, muitas histórias escritas, inicialmente para adultos, já começaram a ser adaptadas para crianças, retirando delas os elementos violentos e os aspectos nocivos à educação. Mas a fábula moderna preserva todo o vigor que vem apresentando desde os tempos antigos.

MONTEIRO LOBATO: Grande fabulista brasileiro, além de recontar as fábulas de Esopo e de La Fontaine, criou suas próprias com a Turma do Sítio. Lobato nos ensinou que devemos valorizar nosso povo e a nossa terra, através de histórias, usando personagens que contam como age o ser humano, na vida real. Usou as fábulas para criticar e denunciar as injustiças sociais, tiranias, mostrando às crianças a vida como ela é, numa linguagem simples onde a realidade e a fantasia estão lado a lado.

MILLÔR FERNANDES: Reescreveu antigas fábulas, ou novas, dando-lhes um conteúdo humorístico que permitisse fazer rir da seriedade da fábula tradicional, divertindo muito seus leitores com suas Fábulas Fabulosas, usando sarcasmo e humor nos temas políticos.

Assim, foram escolhidos textos destes autores, que entendemos serem os que mais se destacaram no gênero, para a elaboração da didática de leitura em sala de aula.

A referida escolha do gênero e dos autores visou à busca para tentar maximizar os objetivos propostos no projeto, quais sejam desenvolver e incentivar os alunos a tornarem-se leitores habituais.

2.5 Aplicação do projeto em sala de aula

O Projeto foi elaborado e aplicado para a 6ª série A do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual de Dois Vizinhos - EFMP, de Dois Vizinhos- Paraná, sua aplicação ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2010, onde se obteve excelentes resultados, que passamos a analisar detalhadamente.

Durante a implementação da Sequência Didática (SD) foram desenvolvidas as seguintes atividades com os alunos escolhidos para a aplicação do projeto.

Primeiramente foi apresentada a SD aos alunos, objetivos e como seria desenvolvido o projeto, insta frisar que nesta oportunidade buscou-se e procurou-se inicialmente ressaltar através de conversação a importância da leitura em nossa vida, nos seus mais diversos aspectos, tais como, sociais culturais e intelectuais.

Também, nesta oportunidade, foi exposta a função social que as fábulas exercem, pois, além de ser uma forma de leitura prazerosa, igualmente esta mexe com nossa imaginação, transmitem-nos grandes ensinamentos e a importância de se ter valores morais, éticos e de exercer dignamente nossa cidadania.

Cada aluno providenciou um caderno para registrar o conteúdo estudado e assim poder dispor de uma coletânea de fábulas analisadas e/ou interpretadas.

Para a determinação do horizonte de expectativa foi feito um diagnóstico com questionamento para sondar o conhecimento prévio sobre o gênero. Assim, através deste diagnóstico pôde-se avaliar as experiências de leitura dos alunos a respeito desse gênero, se conheciam, já ouviram, leram, e o que achavam a respeito desse tipo de leitura.

Neste caso, observou-se que os alunos em sua grande maioria gostam das fábulas, por ser um texto curto, apresentar uma situação geralmente cômica que tem como personagens animais que falam, pensam e agem como seres humanos. Além disso, cada história traz uma lição ou ensinamento que se refere a nossa vida prática.

Em seguida, discutiu-se o que é fábula, quem são as personagens, como agem, como podemos trazê-las para a nossa realidade, nosso cotidiano e, o que representa a moral no texto, deixando que os alunos ficassem a vontade para falar tudo o que sabiam sobre o assunto ou mesmo, o que gostariam de saber.

Em casa, cada aluno pesquisou sobre o assunto, sendo orientado na pesquisa para que nela contemplassem os grandes fabulistas, como Monteiro Lobato, que escreveu o livro Fábulas onde recria e reconta fábulas de Esopo, de La Fontaine, escreveu também suas próprias fábulas, com o intuito de preparar as crianças para a sociedade. Apresentou-se também Esopo, e La Fontaine, Millôr Fernandes que escreveu Fábulas Fabulosas, usando sarcasmo e humor nos temas políticos.

Nessa etapa os alunos também fizeram em grupo, uma pesquisa sobre o gênero, características, estrutura, como surgiram as fábulas e os fabulistas: Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. Cada grupo apresentou para a turma o assunto que lhe coube no sorteio. Foi debatido e passado para as outras equipes o conteúdo.

As atividades propostas foram realizadas por todos os alunos, obtendo-se um excelente aproveitamento, pois se empenharam muito na pesquisa e apresentação.

O estudo desse gênero foi aprofundado com atividades de compreensão, análise de personagens, verossimilhança, personificação, após as pesquisas, debates e as diferentes formas de leitura, os alunos estavam em condições de apresentar para a turma, uma fábula e para isso, eles se posicionaram em círculo, onde expuseram, oralmente sua produção, elegendo a que mais gostaram.

Foram analisadas as fábulas fatiadas, eis que os textos não estavam em sua ordem correta, "O Boi e Rã" e o "Cachorro e sua sombra", recortaram os textos, colaram no caderno e ilustraram.

A interpretação e análise foram feitas oralmente, sempre se dando ênfase para a leitura individual, coletiva e dramatizada.

A fábula: "O Camundongo do Campo e da Cidade" foi lida para os alunos e eles escreveram o que entenderam, explicando a moral.

Os textos "a Queixa do Pavão" e A Reunião Geral dos Ratos foram trabalhados em grupo. Cada uma das equipes estudou o texto e as questões selecionadas, e apresentou oralmente e por escrito, Cada grupo fez as colocações necessárias. Compararam-se as respostas, foi passado no quadro, e os outros, das outras equipes, copiaram as conclusões.

No estudo do texto: "A Raposa e as Uvas" e suas versões. Primeiramente foi assistido ao DVD da Fábula, feitos os comentários e discussão sobre o filme, o

aluno recebeu o texto impresso de cada autor e foi estudada uma versão por vez. Após a leitura foram feitas várias atividades sobre a fábula, como identificar as semelhanças e diferenças para análise comparativa entre as versões escritas e a visualização da história, através de vídeo, estudo do vocabulário, interpretação oral e escrita. Em duplas com a versão de Millôr Fernandes, reescreveram a fábula, incluindo outros personagens e dando outro final para a fábula.

Com o texto: “A Raposa e o Corvo”, foi realizada a leitura, respondido as questões pertinentes ao assunto e assistido ao DVD, para análise e confronto de ideias, como a importância da linguagem para o êxito da ação da raposa. Os tipos humanos representados pela raposa e o corvo.

Na produção os alunos modificaram a história, alterando o final, o cenário, incluindo novos personagens, interferindo no texto de acordo com a criatividade de cada um.

Com o texto “o Lobo e o Cordeiro”, trabalhou-se leitura e construção de sentidos, se o título para eles era sugestivo, se tinham ideia do que o texto tratava de acordo com o título, se dava para perceber algumas características da fábula.

Foi escrito o nome da fábula no quadro e questionados, se lembravam, ouviam ou já tinham lido esse texto. Foi deixado que comentassem sobre o assunto e interferido quando necessário. Em seguida organizou-se a turma em equipes, distribuídos para cada grupo uma versão. (Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes).

As equipes anotaram as ideias e elegeram um do grupo para apresentar as conclusões para a sala.

Assistiram ao DVD e foi feita análise comparativa detectando as principais diferenças e semelhanças entre as versões e o vídeo.

Este trabalho foi bastante produtivo, tendo alcançado todos os objetivos com grande participação dos alunos, observou-se que a utilização da mídia como forma de estimular a leitura é altamente proveitosa.

Trabalhou-se também os provérbios, em duplas, pesquisaram como tema de casa, alguns provérbios e escreveram na cartolina ou papel pardo para apresentar, explicando o significado.

A personificação foi trabalhada analisando cada personagem da fábula e a que característica humana se pode atribuí-la. Os alunos listaram as personagens e

atribuíram características humanas a seres irracionais, determinadas pelo contexto sócio-cultural do autor, por exemplo: Os leões passam a ser corajosos.

Nessa aula, selecionou-se várias fábulas para que os alunos lessem. A leitura foi acompanhada e incentivada e teve um bom desempenho.

Foram recordadas com os alunos todas as características do gênero e o que foi estudado. Após a leitura, os alunos comentaram quais textos chamaram mais atenção e por quê.

Em duplas os alunos selecionaram uma fábula e fizeram o texto em forma de dramatização. Escolheram personagens, onde e como aconteceu a história, modificando-a de acordo com a criatividade da equipe. Depois de pronta a produção, trocaram os textos, leram, analisaram, fazendo os comentários. Devolvidos, foram feitas as correções necessárias e recolhidos para a produção final.

Escolhidas outras fábulas, retirou-se a moral delas e foram distribuídas e lidas pelos alunos. Foi feito numa folha, a moral de cada fábula selecionada e colocadas num lugar da sala bem visível aos alunos.

Em círculo para desenvolver essa atividade, os alunos foram sorteados para ler os textos. A turma tinha que descobrir qual moral e por que se relacionou a fábula lida. Percebeu-se que para a realização dessa atividade a turma precisou ficar bem atenta à leitura para poder relacionar a moral ao texto lido e desenvolver a oralidade e argumentação, o que, trouxe grande êxito ao trabalho.

Foram analisadas as fábulas: “A Cigarra e a Formiga” e suas versões, com auxílio do retroprojetor e slides, sendo discutida cada versão, observando como cada autor escreveu, os personagens, a moral e, que lições podemos tirar para a nossa vida e, o conceito de trabalho nas diferentes versões, priorizando-se neste contexto em especial, a leitura individual, coletiva e em grupo, observando a entonação, pontuação, linguagem usada no reconhecimento do gênero.

Além de lerem as versões de Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, também foram lidas para ampliação do horizonte de expectativas as versões das fábulas de Bocage: “A Cigarra e a Formiga” do Professor Donizete Aparecido Batista: “Muita comoção e tristeza no adeus à Cigarra”, e “Cigarra encontrada morta” José Paulo Paes “Sem barra”,

Depois de todos os textos lidos através de slides e discutidos assistiu-se ao DVD “A Cigarra e a Formiga” para que o aluno visualizasse e ouvisse a narrativa

comparando com o texto escrito o que proporcionou aos alunos um melhor entendimento de que um mesmo texto pode ser escrito de várias formas.

Notou-se com o estudo das diferentes versões do texto “A Cigarra e a Formiga” através das mais variadas formas, tais como, escrita, projetada e em filme, que os alunos conseguiram formar um entendimento sobre o assunto, resultando no desenvolvimento de um senso crítico que os possibilitou perceber melhor o conceito de trabalho que existe, e, é inerente na fábula.

O trabalho teve prosseguimento com a produção de textos do gênero fábula e, se consolidou usando procedimentos didáticos variados como provérbios, introduzindo outros personagens, mudando o final da história, o ambiente, paródias em verso ou prosa e ilustração, ou ainda, a produção ou recriação de uma fábula inédita.

Em outro vértice, também foram analisadas as diferentes versões apresentadas sobre a mesma fábula, leram, ouviram e apresentaram textos maravilhosos e descobriram a riqueza de se aventurarem no mundo mágico da leitura, incentivados pelo debate sobre as diferentes versões do mesmo gênero.

Nestes aspectos, o professor esteve atento para interferir, se necessário, nos argumentos utilizados durante a discussão do tema, com o fim de maximizar os resultados, mas sempre respeitando a individualidade de cada aluno.

Após a produção dos textos e feita a correção, foi devolvida aos alunos para os ajustes necessários, digitação, ilustração, cartazes que foram expostos no mural da escola, para que outras turmas, professores, pais e funcionários pudessem ler e apreciar o trabalho produzido.

Os trabalhos também participaram da Feira Cultural da Escola, sendo exposto para o público em geral, assim, não só a comunidade estudantil pôde ver o resultado dos trabalhos desenvolvidos, bem como toda a sociedade.

Além da leitura, interpretação, análise e escrita de novas fábulas, para que os alunos se sentissem atraídos pelos textos, também foi proposta a dramatização de diversas fábulas que foram escolhidas pelas equipes.

Desta forma, para realizar a atividade, ensaiaram muito, e na apresentação para a sala de aula, usaram de muita criatividade e imaginação, o que tornou os trabalhos de qualidade impar.

As equipes selecionaram as melhores apresentações, e as mesmas foram novamente apresentadas, agora para as quintas séries do matutino, na sala ambiente do Colégio.

Apesar da qualidade de todos os trabalhos apresentados, pôde-se neste caso, destacar que as apresentações das fábulas “A formiguinha e a Neve” e “A lebre e a tartaruga” foram as que mais cativaram o público presente.

Os alunos da 5ª série apreciaram muito as apresentações o que tornou o trabalho gratificante.

Pretendeu-se assim, que os alunos se encantassem com as diferentes versões, leram e produziram textos individuais e, também, coletivos que foram apresentados na sala de aula, comentados e revisados com a participação da classe, chamando a atenção para os aspectos de organização desse gênero. As produções foram expostas no mural da escola e dramatizadas.

Sendo assim, esta sequência didática possibilitou a ampliação do universo cultural dos alunos, a função social e valores morais, através do conhecimento e/ou aprimoramento, colocando-os em contato com as diversas versões, ampliando através da leitura, o horizonte de conhecimento sobre fábulas.

3 Considerações Finais

Após a implementação desta proposta, e a análise de seus resultados, conclui-se que foi bem sucedida, afirmação que se faz, tendo por base que por ocasião de sua execução, obteve-se o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, alcançando assim seus objetivos precípuos.

Percebeu-se isso logo no início, quando muitos dos alunos, ao responderem ao questionário para sondar o conhecimento do gênero demonstram interesse pela leitura de fábulas, o que facilitou significativamente o trabalho do professor.

Com a aplicação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola pôde-se observar que os alunos desenvolveram em várias escalas o prazer de ler, contribuindo assim para a construção de um cidadão crítico e participativo, o que nos leva a crer que o gênero textual fábula, é estimulante para ser trabalhado em

sala de aula, por apresentar elementos que contribuem no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Dessa maneira, acredita-se que a escolha do gênero literário contribuiu para o bom desenvolvimento do trabalho, eis que, apesar das fábulas serem muito antigas ainda hoje são transmitidas por pais, professores, políticos, sacerdotes entre outros, mesmo recebendo uma adaptação contínua que permanece influenciando de maneira significativa o resgate de valores e posturas éticas, trazendo à sociedade, geralmente os objetivos de vida que devem ser cultivados.

Assim, vimos que as fábulas servem para discutir questões humanas, sendo que as personagens trazem características como a disputa entre fortes e fracos, a esperteza e a lerdeza, a ganância e a bondade, a gratidão e a avareza, vaidade, gulodice, agressividade e solidariedade, tendo como objetivo transmitir uma lição de moral, que se pôde nas discussões, aplicar aos casos concretos vivenciados pelos alunos partícipes.

Destaca-se, dentre as atividades propostas, à elaboração de cartazes com as ilustrações das fábulas, o que despertou nos alunos, o interesse pela leitura para elaborar o desenho.

Observou-se que a apresentação da dramatização estimulou o exercício da oralidade, adquirindo mais conhecimentos sobre leitura, desenvolvendo o raciocínio, a criatividade e auto-afirmação, ampliando seu universo e a capacidade de sentir e, expressar o que sentiu, capacitando-o assim para que amplie suas perspectivas na literatura.

Acredita-se com nítida clareza que o projeto desenvolvido foi muito produtivo, aumentando assim, a capacidade dos alunos de criar novas fábulas, com fatos vivenciados em seu cotidiano, sendo assim, suas produções com textos extremamente hodiernas.

Referido fato, salienta a importância do trabalho da leitura em sala de aula, pois restou provado que após a leitura e o debate, os alunos estavam não só aptos, como proporcionaram uma excelente surpresa, pois estavam muito bem preparados para compor novos textos.

Percebeu-se, que a sistemática desenvolvida da forma proposta neste trabalho, pode ser muito útil em sala de aula para a formação de leitores e escritores habituais.

Para isso, basta utilizar os diversos métodos empregados no presente estudo, sendo certo, pelos resultados que se conseguiu despertar nos alunos o real e duradouro interesse dos mesmos na leitura.

Diante do exposto, confia-se que o Projeto de Intervenção Pedagógica proposto, através do Projeto, da sua Sequência Didática, e sua respectiva aplicação em sala de aula, pode viabilizar um grande projeto de leitura nas escolas, contribuindo para formarmos alunos capacitados não somente na leitura, como também, no discernimento do que leem.

O desenvolvimento do trabalho, proporcionado pelo Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, fez com que o professor pudesse novamente voltar aos bancos estudantis para desenvolver e aprimorar seus conhecimentos visando à melhoria da educação, acredita-se neste caso, que o objetivo foi alcançado.

O aperfeiçoamento que se recebeu através do PDE contribuiu imensamente com os estudos realizados, no progresso das aulas de literatura, pois propiciou a análise de novas teorias sobre o tema, bem como, aplicação dessas metodologias no dia-a-dia escolar.

Assim, pode-se dizer que o trabalho surpreendeu não somente os alunos, como também o professor, uma vez que, não se esperava a participação dos alunos com a intensividade que ocorreu, nem mesmo que os resultados obtidos fossem tão valiosos.

4 Referências

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura A Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORDINI, M. da G; AGUIAR, V. T. de. **Literatura**: a formação do leitor. Alternativas metodológicas. Porto Alegre-RS: Mercado Aberto, 1988.

CAMPOS, A. F. **A formação do leitor através do método recepcional**. In: Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA - n. 2 - 2º Sem, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <www.fapa.com.br/cadernosfapa> Acesso em: 17/05/2010

- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ESOPO. **Fábulas completas**. (Tradução de Neide Smolka). São Paulo: Moderna, 1994.
- FERNANDES, M. **Fábulas Fabulosas**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.
- LA FONTAINE. **Fábulas de La fontaine**. {Tradução: Bocage}. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1985.
- LAJOLO, M. **Uso e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982.
- LAJOLO, M. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3ed. São Paulo: ed Ática, 1997.
- LOBATO, M. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KLEIMAN, Â. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas-SP: Pontes, 1989.
- PAULA, M. J. A. de. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária de Hans Robert Jauss**. V 36, São Paulo: Editora Ática - série Temas, 1994. Disponível em <www.periodicos.ufsc.br> Acesso em 02 de março de 2010.
- PIAIA, M. **VIAGENS DE SARAMAGO AO PASSADO PORTUGUÊS**. Saramago's journeys to the portuguese past. Disponível em <www.fw.uri.br/publicacoes> Acesso em 02 de março de 2010.
- SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2ed. Campinas-SP: Papyrus, 1986.
- SOARES, M. B. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUZA, R. J. de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

ZILBERMAN, R. **A leitura na escola. In: ZILBERMAN, Regina. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 7ª ed. Porto Alegre-RS: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** 11ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: editora Ática, 2004.

ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. **Leitura perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Editora ABDR, 2005.

ZILBERMAN, R; RÖZING, T. M. K. **Escola e leitura: Velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.